

O CORPO VIRTUALIZADO, UM AGENTE DA VISIBILIDADE¹

THE VIRTUALIZED BODY, AN AGENT OF VISIBILITY

Wilmar Gomes de Souza²

Resumo

O abandono do corpo físico, em nome da emancipação de um corpo imagem, inaugura a manifestação de um dos principais fenômenos que surgem com a mediatização da vida. Sob essa perspectiva, procurou-se analisar os eventos que, de alguma forma, colaboram para que tal abandono seja constituído. Um movimento preocupante em uma época cuja visibilidade se tornou o principal ativo nas relações humanas. Portanto, é fundamentalmente importante entender como se dá a transfiguração do corpo físico em imagem e quais as implicações estabelecidas neste processo. Diante disso, e considerando os pressupostos de uma teoria da imagem e do corpo defendidas por autores como, Stanley Keleman, André Breton e Malena Contrera, este artigo se ocupa em pensar o papel do corpo como um refúgio da individualidade, mas que, em nome da visibilidade e do consumo, tem sido profanado e tratado como algo imperfeito, um rascunho que deve ser corrigido.

Palavras-chave: corpo; imagem; abandono; transfiguração; visibilidade

Abstract

The abandonment of the physical body, in the name of the emancipation of a body image, inaugurates the manifestation of one of the main phenomena that arise with the mediatization of life. From this perspective, we sought to analyze the events that, in some way, contribute to such abandonment being constituted. A worrying movement at a time whose visibility has become the main asset in human relations. Therefore, it is fundamentally important to understand how the transfiguration of the physical body into an image occurs, and the implications established in this process. Given this, and considering the assumptions of a theory of image and the body defended by authors such as Stanley Keleman, André Breton and Malena Contrera, this article focuses on thinking about the role of the body as a refuge from individuality, but which, in the name of visibility and consumption, has been profaned and treated as something imperfect, a draft that must be corrected.

Keywords: body; image; abandonment; transfiguration; visibility

Introdução

O corpo sempre esteve no centro das discussões quando o assunto é o belo, seja na psicologia, na filosofia, nas artes ou em outros territórios do conhecimento humano. O belo é um desejo, uma busca do ser humano para superar as imperfeições que acredita devam ser

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho, Mídias terciárias: o humano capturado pela rede midiática, do VIII ComCult, Faculdade de de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Professor Wilmar Gomes de Souza, Doutor em Comunicação Midiática pela Universidade Paulista Unip – membro do grupo de pesquisa “Mídia e estudos do imaginário”, email wigoprof@gmail.com.

corrigidas. Com isso, a defesa de determinados padrões estéticos, sempre visou incluir ou excluir os seres que não se enquadram em um suposto modelo ideal. A linha que divide tais reivindicação é delicada e imprecisa, ela sempre existiu, e provavelmente continuará a existir enquanto o ser humano caminhar sobre a terra. Ocorre que, neste novo ordenamento de mundo, cuja virtualização da vida se tornou o principal mecanismo de relacionamento social, a dependência por visibilidade vem se tornando cada vez mais iminente. Com ela se observa a emergência de um corpo que abandona sua história social e cultural em nome de uma vida na superfície da imagem. Este corpo não dialoga mais com os espaços, foi virtualizado e se tornou provisório. Transfigurado em imagem, usa este argumento como um artifício para projetar uma imagem sem imperfeições para o mundo, assim se torna um rascunho corrigido.

Com base nessa ideia, buscou-se entender como se dá o processo de transfiguração deste corpo que, em nome da visibilidade, renúncia às inúmeras experiências cotidianas que sempre fizeram parte da sua constituição sociocultural, para emergir digitalizado e multiplicado neste novo ordenamento de mundo. Nele o corpo físico é negado e abandonado em nome da visibilidade, em seu lugar emerge um corpo imagem, livre das imperfeições, das fraquezas e dos efeitos do tempo. Um corpo que projeta para o mundo uma imagem corrigida, mas esvaziada em sua dimensão cultural e na sua história somática. Mas como se constitui o abandono deste corpo? Entender este processo é o principal objetivo deste estudo, que busca refúgio nos pressupostos de autores que pensam a teoria da imagem e do corpo, entre eles se destacam: Dietmar Kamper e seus apontamentos a respeito da relação entre corpo, imagem e o pensamento digital. André Breton e os questionamentos sobre o corpo, suas imperfeições e a busca por correção. E ainda as contribuições de Malena Contrera e sua visão a respeito do corpo como objeto de consumo.

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma metodologia que se preocupa com uma abordagem centrada nos aspectos que privilegiam a análise com base em uma observação mais próxima do objeto. Para isso foram observados uma série de aplicativos e programas que se ocupam em oferecer inúmeros filtros para corrigir imperfeições na pele, remover rugas e rejuvenescer a imagem de seus usuários, entre outros artifícios que permitem a transfiguração do corpo. Convém destacar, no entanto, que tal abordagem apenas reflete as convergências mais adequadas para o modelo de construção epistemológica que este estudo propõe. Assim, tal

abordagem é reiterada no sentido de viabilizar uma análise das interações que emergem da observação e formulação conceitual do objeto, permitindo que os resultados possam ser interpretados em razão dos pressupostos que a percepção do problema levanta. Desta forma, para que se possa entender a necessidade de visibilidade, que emerge deste novo ordenamento de mundo, abre-se espaço para um aprofundamento na compreensão dos processos, que de alguma forma colaboram para a transfiguração do corpo e seu conseqüente abandono.

Na era da virtualização da vida, as aparências e a fascinação pela imagem do corpo, existem de forma mais presente e imediata, quando dissolvem seus vínculos com a realidade e se tornam indissolúveis na sua velocidade de consumo. O desenvolvimento de novas conexões e espaços virtualizados, potencializam a necessidade de visibilidade midiática, mas que nem sempre se reflete em visualização, pois se sabe que, quanto mais visível, mais invisível se torna o corpo que gradualmente se apaga. Este é o cerne da discussão proposta neste pequeno estudo, o ser humano vive hoje uma época de visibilidade exacerbada e descontrolada. Vive a percepção de um tempo real, em um mundo que já esgotou seus intervalos de tempo e espaço comunicativo para se tornar instantâneo e transitório. Assim sucumbe o corpo e suas imperfeições, cada vez mais negligenciado e entregue aos apelos do consumo, se transforma em imagem.

O corpo como entrega sacrificial da beleza

O ser humano dispõe hoje, basicamente, do mesmo corpo, das mesmas habilidades e limitações físicas que o ser humano do neolítico. Sua relação com o mundo é corpórea, e se constituiu por intermédio do corpo. Uma relação que traz em suas camadas culturais uma história de descobertas a respeito da sua funcionalidade e da sua fisiologia. Descobertas que por vezes foram estabelecidas por intermédio do abuso, da experimentação e da invasão. Ações perpetradas em inúmeros momentos da história humana, alguns deles sombrios.

O corpo sempre esteve no centro das angústias, das dores e dos desejos humanos, especialmente como objeto de conexão com o espiritual e como ferramenta de afirmação da existência de outro plano. Ao longo dos tempos, nas mais diversas culturas, incontáveis rituais foram estabelecidos, sempre na busca por conectar o ser humano com as forças que equilibram e constituem o universo das coisas. Uma busca observável na organização sociocultural de

praticamente todas as civilizações. Deuses foram criados e a eles o sacrifício do corpo foi decretado. Deuses antigos e novos, presentes nas mitologias arcaicas e nos mitos da criação. Mas que também se encontram presentes na contemporaneidade, já que os seres humanos continuam a criar e erigir seus deuses para justificar os desafios cotidianos. Alguns destes deuses ainda não foram nomeados, outros têm nome e a eles são dirigidos, inconscientemente, uma infinidade de pedidos. A eles são atribuídos, obstáculos e conquistas.

Mas assim como os antigos, estes novos Deuses exigem sacrifícios. O sacrifício da beleza e da visibilidade, por exemplo, que solicita a transfiguração do corpo em nome da identificação e do pertencimento. Um sacrifício imprescindível para o ser humano poder se relacionar com o universo que o cerca. É precisamente por intermédio deste sacrifício que o corpo físico é abandonado, e ao ser abandonado, permite que um Apolo³ ressignificado se manifeste como resposta da busca do ser humano por um corpo perfeito. Tal busca instaura a estética do fetiche que, ao amplificar a audiência do corpo, transforma este em um objeto de desejo e conseqüentemente de consumo. Mas um objeto que precisa e deve ser corrigido, atualizado e adaptado a um novo ordenamento de mundo. Sob essa alegação, se multiplicam as clínicas estéticas e de correções anatômicas. Aplicações de enzimas crescem exponencialmente. Medicamentos prometem emagrecimento e rejuvenescimento. Implantes subcutâneos, harmonizações faciais e uma variedade de outros procedimentos, ditam os padrões estéticos que os seres humanos devem seguir. Aplicativos e filtros, associados aos discursos de correções estéticas, patrocinados por inúmeros influenciadores digitais, induzem o comportamento imagístico dos indivíduos diante das interfaces de comunicação. A consequência mais perversa e imediata deste processo de transfiguração do corpo, pode ser observado no crescente número de diagnósticos de patologias relacionadas aos distúrbios da imagem do corpo, ou Transtorno Dismórfico Corporal⁴ (TDC).

³ Apolo foi um deus grego. Foi a divindade do sol, da agricultura, da poesia, da música, do canto, da lira, da juventude, do arco e flecha e da profecia. Foi o deus mais venerado no panteão grego depois de Zeus, o pai dos deuses. Todos os deuses gregos possuíam um elemento físico característico, Apolo era representado como o deus de beleza perfeita e possuía longos cabelos cacheados.

⁴ O Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) é um transtorno mental que se caracteriza por afetar a percepção que o paciente tem da própria imagem corporal, levando-o a ter preocupações irracionais sobre defeitos em alguma parte de seu corpo (por exemplo: nariz torto, olhos desalinhados, imperfeições na pele, etc.). Essa percepção distorcida pode ser totalmente falsa (imaginária) ou estar baseada em alterações sutis da aparência, resultando

A partir desta perspectiva, se entende que a raiz de tal problema está relacionada diretamente com a crescente dependência por visibilidade, algo que vem se manifestando como fenômeno, sobretudo com o advento dos novos mecanismos de comunicação. Um movimento que traz a premente necessidade de visibilidade como algo necessário e imprescindível. A regra é, se tornar cada vez mais visível, este é o principal argumento no processo de transfiguração do corpo em imagem. E ao se transformar em imagem, os corpos perdem sua opacidade e tridimensionalidade, se tornam efêmeros e cada vez mais provisórios. Um fenômeno que se consolida patrocinado por uma falsa necessidade de correção da imagem (do indivíduo) e que descreve precisamente a emergência de uma era pautada exclusivamente na visibilidade. O que se tem, de agora em diante, é a não presença de um corpo físico, apagado em nome da presença de um corpo imagem, multiplicado exponencialmente, transfigurado em nome do consumo e da visibilidade. “Ironicamente, o apelo fetichista do objeto é o último reduto da materialidade do mundo, de sua concretude, de sua corporalidade que, aos poucos, vai se apagando no cenário do imaterial” (Contrera, 2010, p.54).

O corpo midiaticado é apresentado como um objeto corrigido, uma imagem rejuvenescida, que não carrega mais rugas, manchas ou imperfeições e que se encontra diante de um projeto emancipatório enquanto se multiplica em infinitas versões de si. Essa é a face mais sombria de um processo de visibilidade que culmina no abandono do corpo e na perda da própria capacidade de se perceber diante do mundo que o cerca. Uma presença que se torna inerte quando é iludida pela força da simulação da realidade. Nesse ponto o corpo se encanta com seu reflexo transfigurado enquanto mergulha cada vez mais em um universo virtualizado. “Transformados em imagens, os corpos devem integrar uma nova lógica de produção, passam a participar sem resistência dessa nova ordem social” (Baitello, 2014, p.28). Um movimento que não resiste mais aos apelos de consumo. O corpo multiplicado em infinitas versões de si, busca, em nome da visibilidade, alocar todos os espaços midiáticos dos quais deseja ser incorporado, com isso, se torna um corpo desterritorializado já que suas versões não se encontram mais em lugar nenhum, uma vez que agora estão em todos os lugares. O que se tem, a partir de então, é precisamente a emergência de um corpo imagem que se tornou epigrafe em

numa reação exagerada a respeito, com importantes prejuízos no funcionamento pessoal, familiar, social e profissional. Acomete mais frequentemente o sexo feminino e inicia-se, em geral, na adolescência.

um tempo luz. “Vivemos hoje sob a marcha triunfal das realidades bidimensionais que trazem em sua alma as fórmulas abstratas da nula dimensão: por trás de uma imagem sintética já não há sequer uma imagem concreta e muito menos um corpo de matéria tridimensional” (Baitello, 2014, p.95).

Mais do que a demanda do desejo, o que está em ação é a demanda da imagem que, em sua voracidade agressiva, precisa transformar todos os redutos da vida humana em mercadoria imaterial do grande espetáculo da visibilidade absoluta. Essa sem dúvida poderia ser considerada uma das formas de iconofagia a que se refere N. Baitello Jr. É também o que C. Melman designa como “exigência de transparência” (Contrera, 2010, p. 126)

O corpo transfigurado se entrega como sacrifício a essa nova realidade, constituída por bits e códigos binários, produzida e alimentada pela visibilidade. O resultado deste processo, cuja multiplicidade e a compulsão pelas imagens passaram a reger um novo ordenamento de mundo, é precisamente a inflação da superfície das imagens e a conseqüente perda da sua dimensão cultural, que resulta no seu esvaziamento simbólico ou em “uma rarefação da sua capacidade de apelo” como aponta Baitello (2014). Imagens transitórias e fugazes que passaram, com a midiatização cada vez mais amplificada da atividade humana, a fazer referência somente a elas mesmas. E neste novo ordenamento de mundo, conduzido por uma lógica de consumo, a condição imagística do corpo encontra na imagem um vetor de atualização e de correção das suas imperfeições. É precisamente nessa busca pela imagem de um corpo corrigido, que a presença de um corpo imagem, confronta a imanência de um corpo físico. Um movimento que busca visibilidade a qualquer custo, mas é conduzido à invisibilidade pelo excesso da sua própria multiplicidade. Este é o fruto de um processo que “busca transformar todos os redutos da vida humana em mercadoria imaterial no grande espetáculo da visibilidade absoluta” (Contrera, 2010, p. 126). Contudo, essa busca por visibilidade, pautada no processo de transfiguração do corpo, também é uma busca pela identificação e pertencimento. Uma busca inconsciente, mas que em tempos de visibilidade exacerbada, é alimentada como necessária. Ela é formalizada nas academias, nas clínicas de cirurgia estética, materializada nos implantes e nas transfigurações anatômicas de toda ordem, que projetam para o mundo um corpo provisório e maleável em todos os sentidos. Um rascunho que busca a todo custo ser corrigido.

O corpo como afirmação da corporeidade

O corpo, na era das novas tecnologias de comunicação, é profanado e transfigurado em nome da necessidade de visibilidade e de um projeto de autoafirmação de si. Em consonância com esse processo, os avanços tecnológicos ofertam inúmeras equipamentos para agir como facilitadores cotidianos. Dessa forma, ao oferecerem a ideia de uma vida mais saudável e com menos esforço, estimulam o consumo de uma série de produtos e equipamentos que prometem reduzir os esforços do dia a dia. Controles remotos de toda ordem diminuem os pequenos deslocamentos do corpo, eletrodomésticos assumem o protagonismo na realização de quase todas as atividades cotidianas, a internet das coisas se torna uma realidade na administração das chamadas casas inteligentes, esteiras e escadas rolantes realizam os pequenos deslocamentos, estes são alguns exemplos dos equipamentos oferecidos em nome da redução dos esforços e da mobilidade física. Assim, ao aceitar a ideia de uma vida mais otimizada, ou da otimização do tempo de uma vida, o ser humano cria o “Deus conforto” e o elege como uma das mais poderosas divindades da atualidade, em nome dele, espaços são reestruturados, equipamentos são desenvolvidos e a hibridização da vida e das plataformas informacionais são constituídas. O ser humano, ao desenvolver aparelhos e equipamentos com objetivo de substituir os esforços físico e mental, cultiva um refúgio para o ostracismo. Assim se torna uma vítima sacrificial do seu próprio modelo de vida. O resultado deste processo, em que a aceleração da vida e a desaceleração do corpo, determinam a organização espaço temporal neste novo ordenamento de mundo, é precisamente a atrofia do corpo pela falta de uso, é a diminuição da capacidade intelectual e cognitiva que se reflete nas atividades cotidianas e na urbanização da vida. Uma vida que, a cada dia, é pautada com base na aceleração e nas conexões. Todo esse movimento afeta profundamente a relação do corpo com a natureza que o cerca, para poder acompanhar o frenesi das informações, da aceleração e da digitalização da vida, o corpo foi obrigado a sentar. Sentado diante das interfaces informacionais, ele agora observa o mundo e por ele é observado.

Depois dos malefícios da lei do menor esforço que não cessou de restringir a atividade muscular do homem em nome da economia do esforço físico — portanto, do desenvolvimento generalizado de um conforto estendido ao conjunto da gestualidade habitual — assistimos agora a uma espécie de transmutação energética dos comportamentos humanos. Tornando passivo, até inerte, pelo uso das diversas próteses do transporte e das transmissões instantâneas, o homem não verá mais necessidade de economizar esforço

físico, daí este surgimento de uma nova lei de sentido contrário, já que se trata, desta vez, de tratar o que vive como um motor, uma máquina de acelerar constantemente. (Virilio, 1996, p.108).

Sentado renuncia à relação de proximidade que até então mantinha com a natureza a sua volta. Uma relação que altera a realidade das coisas ao oferecer a simulação como opção. E é precisamente a partir da constituição desse novo nexos, que o corpo aos poucos passa a existir como acessório de presença, um objeto imperfeito que precisa ser corrigido. “O corpo não é mais o centro irradiante da existência, mas um elemento negligenciável da presença” (Breton, 2007, p.21).

É importante sublinhar que, quando o corpo deixa de utilizar determinado membro, suas funções são diminuídas e conseqüentemente perdem sua funcionalidade, órgãos como o apêndice, os sisos, músculos como o palmar longo e piramidal, são alguns exemplos do que os cientistas comumente passaram a chamar de “resquícios evolutivos”. Ocorre que a capacidade imaginativa também é afetada por este fenômeno. Quando se considera a utilização da inteligência artificial como ferramenta de apoio do pensamento criativo e da memória, é possível observar uma diminuição da capacidade imaginativa, haja visto que, no momento em que os estímulos são diminuídos, uma redução na produção das sinapses é esperada. A inteligência artificial ao sequestrar tais funções promove a desaceleração dos órgãos que estimulam os processos responsáveis pelo aparato cognitivo, sobretudo o cérebro. Com base nesse olhar, e, considerando a dedicação dos seres humanos em desenvolver mecanismos que substituam ou minimizem os esforços físicos, pode-se concluir que, enquanto tal esforço é substituído pela máquina, um comprometimento da capacidade de processamento e armazenamento das informações é instaurado. Portanto, a diminuição da capacidade comunicativa dos seres humanos por intermédio dos cinco sentidos, é um exemplo de algo que se perdeu há algum tempo, mas que ainda pode ser observado no resto da criação. “Para se comunicar, o mundo ocidental terminou por apoiar-se maciçamente nos ‘sentidos de distância’, visão e audição; quanto os ‘sentidos de proximidade’, paladar, olfação e tato, em grande parte prescreveu o último” (Montagu, 1988, p.19).

Sob a alegação de uma vida mais confortável e segura, e, considerando todos os avanços tecnológicos realizados até aqui, se deduz que o ser humano caminha na direção de um esvaziamento cultural, enquanto reduz suas experiências sociais. Esse é o ponto mais sensível

em uma escalada de esvaziamento e abandono das experiências vividas pelo corpo, e que se manifestam como o principal atributo de perda da capacidade imaginativa do ser humano. Perda que é da ordem das coisas culturais, das experiências que estão deixando de existir no tempo e espaços físicos em benefício de outro ordenamento de mundo, virtualizado e transitório. Com isso a vida se torna cada vez mais instantânea e dependente dos aparatos de comunicação e dos facilitadores cotidianos, e tudo parece existir com um único propósito, a desaceleração e o estacionamento dos corpos, os quais são abandonados sob a perspectiva do conforto.

Dessa forma, sentado na frente dos monitores informacionais, no banco dos automóveis, ou ainda sendo deixado levar pelas escadas e esteiras rolantes, o ser humano passa a observar o mundo e por ele ser observado. Ao realizar tal movimento, percorre o caminho que lhe é oferecido pela emancipação do pensamento digital que acaba por produzir profundas mudanças na forma como este ser pensa e interage com o mundo a sua volta. E essa humanidade urbanizada e digitalizada, se torna cada vez mais uma humanidade sentada, atrofiada e reclusa em seus pequenos espaços físicos que se converteram em uma referência para o GPS (*Global Positioning System*) dos seus aparatos de comunicação.

Condicionada a viver sob o brilho das interfaces informacionais que agora atuam como o ponto de convergência desta nova maneira de interação social com a realidade. O ser humano das novas tecnologias, transfigurado pela multiplicidade e instantaneidade oferecidas pelos novos aparatos de comunicação, vive em um estranho mundo de reflexos. Embora refirme sua identidade, não apenas como eco da sua individualidade duplicada, mas de uma identidade que se esconde sob o reflexo que resiste em amparar sua história somática. O ser humano não dá mais conta de perceber os apelos do seu corpo que clama por atenção. A música “Socorro”, composição realizada em 1998 de autoria de Alice Ruiz e Arnaldo Antunes, sintetiza de maneira precisa o estado de profundo abandono pelo qual o corpo tem sido submetido.

“Socorro não estou sentido nada/ Nem medo, nem calor, nem fogo/ Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir/ Socorro alguma alma, mesmo que penada/ Me empreste suas penas/ Já não sinto amor, nem dor/ Já não sinto nada/ Socorro, alguém me dê um coração/ Que este já não bate nem apanha/ Por favor! / Uma emoção pequena, qualquer coisa/ Qualquer coisa que se sinta/ Tem tantos sentimentos/ Deve ter algum que sirva/ Socorro, alguma rua que

me dê sentido/ Em qualquer cruzamento/ Acostamento, encruzilhada.
Socorro! / Eu já não sinto nada (Antunes, 1998)

O corpo virtualizado e o seu abandono

O ponto de convergência na transfiguração do corpo em imagem, ocorre quando toda experiência humana passa a ser transcodificada e digitalizada. Nesse sentido, se admite que a relação entre o corpo, sua materialidade e o virtual, é o ponto de convergência de uma nova forma de interação do ser humano com a natureza que o cerca. Esse novo modelo relacional, traz a simulação do universo das coisas, como principal componente na constituição de uma realidade transitória pela sua própria natureza virtualizada. O que se tem, de agora em diante, é uma relação que dissimula a identidade do sujeito e permite ao corpo físico, atravessar a interface informacional para se projetar, enquanto imagem, em um universo de códigos e algoritmos. Este corpo transfigurado e multiplicado reside desde então nas tramas de um universo sem dimensões aparentes. Um universo vazio em seu imaginário cultural, mas inflado em seu imaginário midiático. E embora a realidade e as percepções pareçam perder paulatinamente seus valores históricos, enquanto as conexões e a digitalização da vida inversamente simulam outras realidades, o que se observa estranhamente neste novo ordenamento de mundo, é o caráter de essencialidade no cotidiano das pessoas quando o corpo imagem é oferecido como objeto de fetiche e consumo. Dessa forma, enquanto é consumido pela visibilidade, o corpo físico aos poucos se entrega ao abandono. Em tempos tecnológicos, este corpo contradiz sua natureza dinâmica, ágil e adaptativa e sua transfiguração não deixa dúvida alguma sobre a aceleração do seu abandono, inaugurado sobretudo a partir da necessidade de visibilidade que estes novos tempos prenunciam. O corpo se torna, cada vez mais, um vestígio de si. “Nossos corpos, nossos processos somáticos e emocionais, têm um início, uma fase intermediária e um fim que dão coerência a nossa estrutura e nossas funções imaginativas” (Keleman, 2001, p.29). Talvez o ser humano esteja caminhando na direção do limite do abandono do seu corpo em nome de uma transfiguração que lhe assegure a imortalidade na imagem. O sonho de estar livre no tempo e espaço pode ser o último refúgio para a transferência física e sensorial, uma vez que o corpo deixa de ser o centro irradiante da existência para se tornar um elemento negligenciável da presença, um acessório que pode ser travestido com infinitas versões de si. “Uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter

ao design do momento. Para muitos contemporâneos, o corpo tornou-se uma representação provisória, um gadget, um lugar ideal de encenação de ‘efeitos especiais’”. (Breton, 2007, p.28).

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encenação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal. Hoje o corpo constitui um alter-ego, um duplo, outro si, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente (Breton, 2007, p.28)

O corpo e suas imperfeições estão submetidos ao abandono e à incontáveis mutilações físicas, psicológicas e emocionais. Este processo, assinala um novo paradigma na sua relação provisória com o universo das coisas, enquanto a imagem do corpo virtualizado, como variante da ausência, promove rupturas simbólicas de toda ordem ao se destacar como mecanismo de repercussão social. O virtual, como um espaço cuja natureza antropológica dos seres humanos pode ser questionada, fixa o corpo como um emblema do self. Sua relação cultural com o mundo e sua natureza histórica são esvaziadas em nome da multiplicidade, da visibilidade e da transitoriedade. Este corpo virtualizado, se encontra agora em todos os lugares, e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Metamorfoseado em imagem, transita nas interfaces informacionais dos novos aparatos de comunicação. Se tornou um eco, um reflexo simulado e inerte que ao negar sua existência física abandona a ideia do corpóreo, ao mesmo tempo, em que reivindica sua presença virtual em todos os espaços midiáticos. Este corpo transfigurado em imagem fabrica seu duplo, seu espectro inteligente e confia a ele sua história. Dessa forma, mascarado pela imaterialidade binária de uma nova estrutura algorítmica de representação do universo das coisas, se torna vítima do seu próprio processo de produção imagística desenfreada que se descontrolou. O corpo vive, portanto, em uma imagem sem corpo, e, ao mesmo tempo, em um corpo desprovido da imagem de si. Este é o paradoxo criado em uma era pautada pela necessidade de visibilidade. Porque o corpo imaterial, atrai para si o triunfo do pensamento

digital sobre a matéria, e ao realizar tal movimento, reivindica a vitória do intangível, uma vitória da imagem.

Contudo, ao pensar o corpo em um universo cujas barreiras do espaço comunicativo e das relações sociais foram suprimidas em nome da visibilidade, conclui-se que o desafio imposto por esse novo modelo, que traz o digital como principal articulador de tais mudanças, é justamente aquele que preconiza a dificuldade em não se tornar invisível frente a tantas possibilidades e excessos. Porém, o visível torna-se cada vez mais invisível, já que é esvaziado em sua dimensão cultural, pelos programas de simulação que se multiplicam nos aplicativos de rejuvenescimento e correção da imagem. Esses artifícios passaram a integrar uma experiência traumática do ser humano consigo mesmo, quando este não se reconhece mais diante da própria imagem. Tais programas transfiguram as pessoas e as ofertam como sacrifício em nome da visibilidade. Assim tudo é transformado em imagem, os seres, as coisas, os pensamentos. E ao serem transformados em imagens, tornam-se transitórios, ao serem multiplicados exponencialmente e esvaziados na sua dimensão cultural pela multiplicidade. Essa é uma visão acerca do mundo, das coisas, e de tudo aquilo que constitui a natureza humana, mas que de alguma forma confere autenticidade ao que é apresentado como uma experiência de vida. Uma experiência na imagem, mas que é acima de tudo, a experiência de estar no mundo e dele fazer parte, mesmo que de forma provisória. Mesmo quando a abstração do real produz o abandono do corpo físico pela sua substituição na imagem, e oferece (ela, a imagem) às mais diversas interfaces, rejuvenescida e corrigida das imperfeições tão importantes na constituição da história somática do ser humano. Com a emergência desse novo ordenamento social, sintético e instantâneo, o pensamento, os seres e as coisas, assumem uma posição provisória. Nele, a natureza e a atividade humana devem se curvar à atualização da vida, e ter seu caráter provisório, explorado e expandido. O ser humano, envolvido nessa nova condição, vive na superfície da imagem. Necessidades são criadas e soluções são oferecidas em nome do bem-estar e da segurança. Eletrodomésticos inteligentes são conectados aos smartphones e a vida se torna cada vez mais dinâmica e digital. Ações disruptivas de toda ordem obrigaram o ser humano a repensar essa nova realidade. A atividade humana, reduzida aos códigos e algoritmos, transforma a realidade percebida ao virtualizar a vida. Um universo codificado se consolida,

com ele, a constituição de um novo ser social pode ser observada, de forma sintética e provisória, sob o brilho e a dureza das interfaces informacionais.

Contudo, é importante considerar que o caminho que trouxe a humanidade até aqui, talvez seja o mesmo que à leve de volta ao ponto de partida quando tudo se desmanchar, já que o entrelaçamento entre; cultura, natureza e tecnologia vêm produzindo consequências ainda não assistidas em nenhum momento da história humana. O que se tem com o advento das novas tecnologias, sobretudo com a emergência e utilização da inteligência artificial, é o deslocamento deste ser que se tornou sintético e provisório, para um estado de apatia que se manifesta pela ausência dos desafios. O desafio de pensar e guardar, números, nomes e coisas sem o auxílio das memórias sintéticas. O desafio de se deslocar sem a utilização de escadas e esteiras rolantes ou veículos automotores. O desafio de pensar a atividade humana em sua amplitude de forma mais natural.

Assim, ao pensar o corpo físico em um universo cujas barreiras do espaço comunicativo e das relações sociais foram suprimidas, é fundamentalmente importante entendê-lo como um documento vivo que, em nome do pertencimento e da identificação, se transfigura e se mutila enquanto versão evolutiva, autenticando uma época cuja necessidade de visibilidade se tornou tão imprescindível. Um corpo físico que se transforma em imagem a cada novo apelo do consumo, e que amplifica um projeto emancipatório ao desafiar as coisas inertes, quando é multiplicado em incontáveis versões de si. Eis a face mais sombria neste estado de apatia, que traz, como consequência imediata, um processo de desconexão da realidade, que converge no abandono do corpo. Uma experiência que se autodesconstrói a cada nova ideia, mas que se reconstrói a cada novo apelo do consumo, e ao realizar tal movimento, vê esvaziada a própria capacidade de se perceber como agenciador das dores e desejos cotidianos. Assim, diante da transfiguração, este corpo iludido se torna imagem, e ao realizar tal movimento se perde em inúmeras versões de si enquanto imagem na forma simulada, para então se multiplicar em um universo virtualizado pelas novas tecnologias de comunicação e comutação instantâneas. E se o corpo imagem é agora um hino em homenagem à histeria coletiva que tomou conta dos seres humanos, especialmente com o advento dos espaços virtuais de relacionamento e comunicação, o corpo físico foi diminuído, esvaziado em sua história somática e em sua trajetória cultural. Portanto, conclui-se, a partir dessa ideia, que a dificuldade em não se tornar invisível diante de

tantas possibilidades de fazê-lo, demanda um modelo que resista aos apelos de transfiguração impostos em nome do consumo. Este talvez seja o grande desafio a ser alcançado, sobretudo quando se verifica que o corpo está sendo abandonado, suas imperfeições estão se tornando cada vez mais negativadas e a busca por um corpo perfeito se tornou, para muitos, uma obsessão.

Considerações finais

O corpo sobreviveu até aqui com suas imperfeições, com suas assimetrias e suas limitações, mas sempre se adaptou as intempéries, as mudanças climáticas, aos desafios de toda ordem que, ao longo da sua trajetória evolutiva, sempre fizeram parte do seu dia a dia. Mas hoje ele se depara com um momento único na história evolutiva do ser humano, um momento em que o advento do universo digital possibilitou que as distâncias e o tempo fossem suprimidos dos processos comunicativos. As conexões, por sua vez, permitiram a aproximação do distante e o compartilhamento em um mesmo ambiente daquele que está do outro lado do planeta com o que está aqui. Os seres humanos passaram a viver as fórmulas abstratas do pensamento digital. De fato, a conectividade potencializou a perspectiva do ser humano ser visto por muitos ao mesmo tempo. Mas diferente da televisão e do cinema, o que surge nesse modelo é a fragmentação deste ser em inúmeras versões de si, adaptadas e significadas conforme o espaço virtual que lhe é favorável. Diante disso, a emergência de um ser provisório e transitório é constituída. Um ser que vive segundo as premissas do momento, que transfigura o seu corpo conforme as demandas de consumo que lhe são ofertadas, mas que também o usa como instrumentos de afirmação com o mundo que o cerca. Um ser que passa a viver as inúmeras versões de si sempre na superfície da imagem. O seu corpo foi mortificado em sua dimensão cultural e teve anestesiadas suas sensações, e o corpo mortificado se transfigurou para renascer como imagem no universo digital. Corrigido das suas imperfeições, das suas fraquezas e da sua história somática, é agora um monumento à obsolescência, ao consumo da sua própria imagem enquanto objeto de desejo. Eis a face mais sombria de um corpo que não se encontra mais em lugar nenhum, pois fragmentado e multiplicado, está em todos os lugares ao mesmo tempo. Um corpo transfigurado em imagem, mas uma imagem de um corpo físico, esvaziado em sua dimensão cultural e abandonado em nome da visibilidade.

Referências

Junior, N. B. (2014). *A Era Da Iconofagia Reflexões Sobre Imagem, Comunicação, Mídia e Cultura*. Paulus.

David Le Breton, & Appenzeller, M. (2007). *Adeus ao corpo : antropologia e sociedade*. Papirus.

Malena Segura Contrera. (2010). *Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo*. Editora Imaginalis.

Keleman, S. (2001). *Mito e corpo uma conversa com Joseph Campbell*. Grupo Editorial Summus.

Montagu, A., & Silvia, M. (1988). *Tocar : o significado humano da pele*. Summus.

Virilio, P., & Paulo Roberto Pires. (1996). *A arte do motor*. Estação Liberdade.

Antunes, A., & Ruiz, A. (1998, January). *Socorro (Um Som, Ed.)*

Torres, A. R., Ferrão, Y. A., & Miguel, E. C. (2005). Transtorno dismórfico corporal: uma expressão alternativa do transtorno obsessivo-compulsivo? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(2), 95–96. <https://doi.org/10.1590/s1516-44462005000200004>